CARTAS

SOBRE

EPIGRAPHIA ROMANA

POR

Albano Bellino

BRAGA
Typographia Lusitana
1898

Ao Exmo. Snr.
Dr. Henrique Cardoso de Menezes

off.
o auctor

CARTAS

SOBRE

EPIGRAPHIA ROMANA

DIRIGIDAS A SYMPHRONIO

POR

Albano Bellino

BRAGA
Typographia Lusitana
—
1898

CARTAS

SOBRE

EPIGRAPHIA ROMANA

Á

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DE PONTEVEDRA

OFFERECE, RECONHECIDO,

O AUCTOR.

Advertencia

No dia 26 de março findo trouxe-me o correio dois exemplares dos hebdomadarios brigantinos *O Nordeste*, n.º 457, e *Norte Trasmontano*, n.º 20, relativos a 23 e 25 do referido mez, dando ambos noticia e copia de duas inscripções romanas, uma votiva e outra milliaria, que o snr. tenente Albino Pereira Lopo encontrára na freguezia de Babe.

A milliaria, que se acha gravada n'uma columna de granito grosso de 1,70 de alto e 0,45 de diametro, vinha copiada de modo que difficilmente se prestaria a um estudo sério.

Solicitei logo ao snr. tenente Lopo um *calco* ou photographia, sendo-me enviado o *calco* algumas semanas depois. Antes porém, da sua chegada, o *Commercio do Minho*, decano dos periodicos bracarenses, superiormente redigido pelo meu dedicado homonymo snr. Albano Coelho, inseriu no n.º 3745, de 31 do referido mez de março, um longo artigo intitulado *Pennadas*, em que o seu auctor Symphronio noticiava o apparecimento das inscripções alludidas e terminava:

«Tem a palavra o nosso presado amigo snr. Albano Bellino.....»

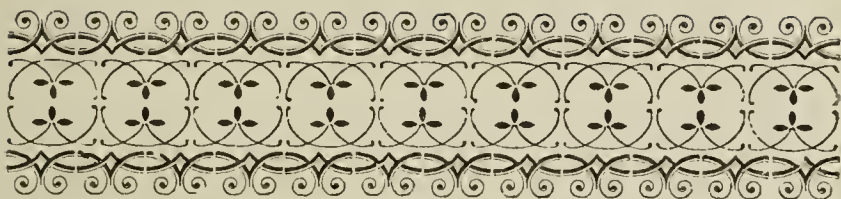
Achei a um tempo fascinador e obrigante o convite feito em publico, e desde logo dirigi ao meu amigo Symphronio uma carta, que elle fez publicar no *Commercio* de sabbado 2 de abril, na qual me comprometti a usar brevemente da palavra sobre o assumpto proposto. Effectivamente logo que recebi o *calco* ordenei a sua reproducção fiel para melhor fazer notar a difficuldade da leitura e justificar assim a minha interpretação, cumprindo seguidamente a pro-

messa n'uma segunda carta que o *Commercio do Minho* publicou tambem.

E foi d'estas duas cartas insertas nos n.os 3746, 3761 e 3762 (2 de abril, 10 e 12 de maio) que extrahi, em tiragem limitadissima, o presente opusculo, com o fim de o offerecer aos meus amigos. Quero que elles conservem mais esta prova da minha predilecção pelos estudos archeologicos e que não desconheçam os fructos do meu trabalho assiduo n'este vastissimo campo.

Braga

ALBANO BELLINO.

I

Meu caro Symphronio

Vou acquiescer aos seus desejos, manifestados nas *Pennadas* insertas no ultimo n.º do *Commercio do Minho,* expondo a minha opinião ácêrca da apregoada importancia d'um milliario romano, encontrado ha dias pelo infatigavel archeologo, meu amigo, snr. tenente Albino Lopo, na freguezia de Babe, concelho de Bragança.

O achado é verdadeiramente importante visto marcar a passagem d'uma via romana, por aquelle sitio, na dominação do povo-rei, e contribuir por isso poderosamente para o conhecimento da importancia historica d'aquella povoação.

De Braga *(Bracara Augusta)* capital do convento juridico, saíam para Astorga *(Asturica)* quatro vias militares, e não uma como alguem, menos versado n'esta ordem do estudos, poderá suppôr pela noticia dos jornaes, partindo uma por Chaves directamente; outra pelo Gerez, Bergidum e Interamnium; outra por Ponte do Lima, Lucus Augusti, Pons Naviae e Bergidum; e a ultima que seguia d'aqui a Fão (*Aquis Celanis)*, cortando sempre por mar até Grandimirum, e d'alli em deante por terra, tocando em Lucus Augusti, Pons Naviae e Bergidum.

A quinta via militar do ITINERARIO era a que partia para Lisboa *(Olisipo)*.

No meu livro *Inscrip. Rom.*, pag. LXXXIX, procurei provar, com documentos, que de Braga partia ainda outra via romana passando por Sande, onde appareceu um milliario de Trajano, hoje existente no museu de Guimarães; pela ponte de Campellos, veneranda construcção romana; e tocando, na sua passagem, as duas thermas, tambem romanas, das Taypas e Vizella.

A inscripção milliaria de que se trata, e que os jornaes téem reproduzido, não póde ser interpretada, como é indispensavel para, pelo conhecimento do numero de milhas, se encontrar approximadamente o local onde o cippo esteve na sua origem ; nem tambem me parece facil de descobrir o nome do imperador a que se refere.

Será de Caracalla, de Hadriano?

Nada se póde averiguar sem o auxilio d'um *calco* ou photographia que do illustre descobridor espero por estes dias.

Se, pois, me permittir que fique com a palavra reservada, brevemente voltarei ao assumpto para lhe dar a ultima demão.

ALBANO BELLINO.

II

Meu caro Symphronio

Prometti voltar cedo ao assumpto da carta que ha pouco mais de um mez lhe enderecei a proposito do milliario romano encontrado, a 19 de março findo, pelo illustrado director do museu municipal de Bragança snr. tenente Albino Pereira Lopo, junto da porta lateral da egreja de Babe, freguezia situada a Nordeste d'aquella antiga cidade e distante d'ella 12 kilometros aproximadamente; e póde crer que desde então não me têem faltado desejos de dar cumprimento á promessa.

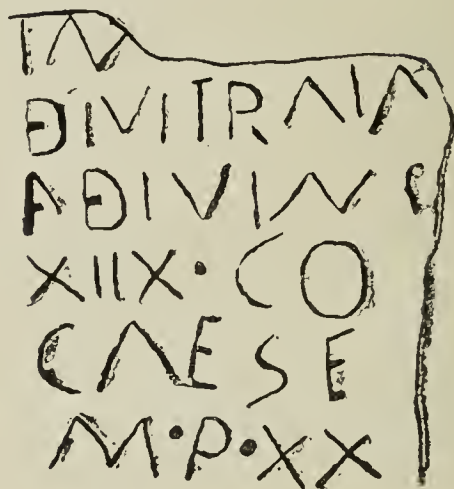
Oppoz-se porém a isso um certo numero de difficuldades que eu venceria em parte se o milliario

de que se trata estivesse aqui em Braga ou nas suas proximidades, porque n'esse caso desde logo teria forcejado por lhe arrancar o melhor dos seus segredos, revelando-o immediatamente ao meu amigo que, por seu turno, o offereceria aos leitores do *Commercio do Minho* nas columnas que, para esse fim, amavelmente foram postas á minha disposição.

Mas o snr. tenente Albino Pereira Lopo, que tambem reside a grande distancia de Babe, tendo, além d'isso, uma vida laboriosissima, viu-se como que obrigado pelas minhas impertinencias a visitar mais de uma vez aquella freguezia para finalmente me enviar, um bello *calco* que elle classifica de *fac-simile* porque o julga claro e distincto como a propria inscripção do cippo.

Aqui tem, meu caro Symphronio, a prova de que ainda ha homens dotados d'uma paciencia verdadeiramente benedictina e que revelam grandissimo enthusiasmo pelos estudos archeologicos!

São raros, rarissimos, os que em Portugal sacrificam a estes pesados estudos as commodidades e o interesse pecuniario; mas, se assim não fôra, teriam desapparecido, ha muito, os poucos monumentos que nos restam d'aquelle grande povo que dominára o mundo!

O *calco*, fielmente reproduzido em zincographia, dá o seguinte resultado:

Qualquer epigraphista consciencioso notará de prompto as difficuldades que esta inscripção oppõe a uma decifração segura, especialmente nas lettras restantes da 5.ª linha onde, a meu ver, não se poderá ler CAES(*ar*), visto parecer-me que este milliario é do imperador Hadriano. Pertencendo á via militar de Chaves deveria ler-se, na referida linha, AQVIS·F(*lavis*); mas quem poderá amoldar aquellas lettras a semelhante alvitre?

O meu amigo snr. tenente Lopo affirma que os caracteres se encontram bastante gastos do tempo; mas o mau desenho graphico, as desegualdades interlineares e os DD cortados ao centro, tudo isso,

n'uma epigrapho de Hadriano, faz pensar, por momentos, na impericia do renovador.

Na leitura que vou propôr omitto a 5.ª linha que me parece um problema intrincado. Nem uma simples conjectura me proporcionam essas poucas lettras; mas, como eu faço obra simplesmente pela fidelidade do *calco*, espero que algum *Argus* possa encontrar no granito o que eu jámais descobrirei no papel.

A minha leitura:

IM(*p·Caes*)·
DIVI·TRAIA(*ni·Parthici*).
F·DIVI·NE(*rv·N·Hadri·Aug·Pont·Max·Trib·Pot·*)
XIIX·CO(*S·III·P·P·*)
CAE S F...............
M·P.XX...

Por extenso:—Ao imperador Cesar Hadriano Augusto, Pontifice Maximo, filho do divo Trajano Parthico, e neto do divo Nerva, com o tribunício poder XIIX vezes, consul III, Pae da Patria.

....

XX... mil passos.

As inscripções de Hadriano, que ordinariamente começam por: —IMP·CAESAR·TRAIANVS·HADRIANVS·AVG·, tambem offerecem exemplos do modo como eu completo a do milliario de Babe. Encontram-se estes no Orellius-Heusen, uma obra quasi classica, e tambem no *Corpus Insc. Lat.*, vol. II, de que aproveitei a inscripção n.º 4:906, encontrada em Santa Cara, na Hespanha, por conter muito resumidamente o nome do imperador.

A primeira lettra da 3.ª linha apparece como F no *Cours d'epigraphie latine*, de Cagnat.

O *calco* mostra a impossibilidade de fazer do CAE S ou CALE S, no principio da 5.ª linha, AQVIS que com o F seguinte, daria, sem a menor duvida, AQVIS·FLAVIS, a exemplo d'alguns milliarios de Trajano e Hadriano que marcam assim a partida de Chaves. E se realmente o milliario de Babe pertence áquella via militar deveria dar, na referida penultima linha, a mesma notação.

Seria inadmissivel a hypothese de um qualificativo, contando com AQVIS no final da antepenultima linha, como todas as outras, cortada, porque não é de crer que em tempo nenhum, e muito menos no de Hadriano, se alterasse uma denominação local, e para mais, alongando-a. Encurtal-a é que seria mais verosimil, porque a pesar de ser de-

nominada AQVÆ.FLAVIÆ [1] (As aguas Flavias), no ITINERARIO DE ANTONINO, tem Chaves o simples nome de AQVAS; e na HISTORIA DOS SUEVOS denomina-a Santo Isidoro *Civitas Flaviensis,* dando assim a entender, que já então era conhecida só pelo nome de FLAVIA (Desde Flavio Vespasiano?) como ainda posteriormente se confirma com o testemunho de Sebastiano, bispo *(Chronicon da Impressão ordenada por Sandoval, pag. 47),* e João de Mena e Henao *(Averiguações das Antiguidades de Cantabria, l. 3, cap. 3, pag. 184).*

O nome de AQVAS provém certamente, como suppõe o Contador de Argote [2], dos banhos que no local havia, porque os romanos aproveitavam sempre as aguas medicinaes, onde quer que ellas brotassem, construindo thermas de que ainda hoje restam entre nós curiosissimas ruinas soterradas.

Nem poderá deixar de ser esta a origem d'outras povoações como: AQVÆ.CILENÆ—AQVÆ QVERQVERNÆ e AQVÆ·CALIDÆ, esta ultima onde hoje vemos Orense, na antiga Chancellaria de Lugo. [3]

*
* *

---

(1) RESENDII, Tom. I, pag. 365.
(2) L. II. cap. III, pag. 273
(3) PTOLEMEO, 2.ª *Taboa da Europa,* cap. VI, pag. 44.

A circumstancia de ficar Babe consideravelmente afastada do trajecto que até agora se tem marcado á via militar de Braga a Astorga por Chaves, fez-me suppor que este milliario pertencesse a uma das muitas vias desempedradas conhecidas pelos nomes de *vicinaes*, *campestres*, *rusticas* e *transversaes* que os romanos construiram para facilitar a communicação entre as differentes povoações que, ao contrario das *mansiones* ou *mutationes*, ficavam a grande distancia das vias militares. Como estas tambem aquellas tinham nas orlas milliarios e sepulchros; por isso não é para admirar que essas duas classes de inscripções vão apparecendo fóra das povoações e a distancia das vias militares, cuja construcção foi iniciada depois de 32 annos gastos nas medições itinerarias ordenadas pelo senado romano.

A'cêrca das vias desempedradas poderia ainda dizer-lhe mais, muito mais; mas, para o caso presente, isto é, para esta simples referencia em abono da existencia de milliarios n'ellas, bastará citar-lhe uma de que largamente me occupei nas minhas *Inscrip. Rom.*, como já lhe disse, a qual d'aqui partia por Sande e Taypas, proximidades do *Sabroso* e da *Citania*, essas duas cidades mortas de altissimo valor archeologico. Seguia logo, esta via desempedrada, pela ponte romana de Campellos, que ainda hoje se conserva sobre o rio Ave, na freguezia de S. João de Ponte, e d'alli por Vizella, antigas thermas

romanas que, como as das Taypas, possuem preciosos vestigios soterrados.

D'esta estrada appareceu ha annos, na freguezia de S. Martinho de Sande, um milliario de Trajano, hoje existente no museu da Sociedade Martins Sarmento de Guimarães.

Não é desfavoravel o ensejo para lhe participar que, no verão passado, o snr. Castro Sampedro descobriu em Sajamonde, Redondela, caminho velho que pelo Porriño segue em direcção a Tuy, um milliario que o illustre descobridor suppõe pertencente a *um ramal* da via militar que d'aqui de Braga *(Bracara Augusta)* seguia para Astorga *(Asturica)* por Ponte do Lima *(Limaea)* Tyde, Burbida, Turoqua, Aquae Cilenae, Iria Flavia, Asseconia, Brevis, Martia, Lucus Augusti, Timalinum, Pons Naviae, Utaris, Bergidum e Interamnium. [1]

O alludido ramal, como opina o infatigavel archeologo hespanhol, em carta que muito préso, de-

---

(1) A esta via militar pertence um milliario d'Augusto que tive o prazer de publicar, como inedito que era, primeiramente na *Revista de Guimarães*, n.º 3, e pouco depois nas minhas *Inscrip. Rom.*, pag. LXV.

O snr. P.e Martins Capella, reproduzindo, no seu excellente livro *Milliarios*, pag. 252, esta inscripção, completa-a na parte truncada, crendo que á ultima linha—TVDE......II, pertencesse o numero de XLII mil passos.

veria partir de Tuy por Porriño, Mós, Sajamonde, Redondela e outras localidades, passando tambem por Pontevedra.

Eis a inscripção:

IMP·CAES·TRAIANO
HADRIANO·AVG
PONTIF · MAXI·
TRIB·POTEST III
5 COS · III·P·P·ATVDE
M·P·XVIII

Appareceu este milliario dividido em quatro esteios de latada, sendo necessario unil-os para se proceder á leitura da respectiva inscripção, muito damnificada na passagem dos córtes, como se deprehende das lettras que aqui represento gastas.

E' tambem dedicado ao imperador Hadriano que nasceu em Roma no anno de 76, sendo seu pae Aelio Hadriano, primo de Trajano, ambos naturaes da Hespanha. Falleceu em Baias a 10 de julho de 138, com grande fama de cultor eximio das lettras e artes gregas. Foi 3 vezes consul e teve o tribunicio poder pela terceira vez em janeiro de 119.

Em 134 completou os XVIII tribunados que, sem duvida, a inscripção accusava antes do córte do monolytho, porque foram n'esse anno reconstruidas

quasi todas as estradas que d'aqui partiam para Asturica e Olisipo.

Estes dois testemunhos da existencia de milliarios nas vias romanas *vicinaes* eram de molde a justificar a minha opinião se acaso insistisse n'ella. Ponho-a porém de parte, desde que conheço mais de perto a importancia archeologica de Castro d'Avellãs, povoação situada a 4 kilometros ao Poente de Bragança, e onde em 1888 o snr. José Henriques Pinheiro encontrou algumas lapides votivas e milliarias de que deu noticia desenvolvida na *Revista de Guimarães*, vol. V.

Convirá espreitar bem as demais egrejas do concelho de Bragança onde outros milliarios terão sido applicados, como os dois de Castro d'Avellãs e o de Babe, a sepulturas de luxo.

*

* *

Nos principios do seculo passado, o Bispo titular de Uranopolis, D. Luiz Alvares de Figueiredo, coadjuctor do Arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Telles, mandou (1) observar o trajecto da via militar, desde Braga até Chaves, apurando-se que os roma-

---

(1) O encarregado seria seu sobrinho o P.e José de Mattos Ferreira, um dos informadores do Contador de Argote?

nos tiveram duas estradas, que partiam unidas por Areias, Carvalho, Pinheiro e Pardieiros, onde se apartavam, seguindo depois uma pela Cruz de Real, Confurco, Espinho, Zebral, Bustello, Linhares, Cruz de Penascaes, Amear, Bezerrinhos, Covello do Monte, Atilho, Carvalhedos, Quintas, Boticas de Barrozo, Granja, Sapiaes, Casas Novas, Ribeira da Curalha, Casas dos Montes e Chaves; e a outra pelo Penedo, Gavinheiras, Salamonde, Ruivães, Boticas de Ruivães, Santa Leocadia, Covelo do Monte, Ponte do Arco, Villarinho dos Padrões, Codeçoso do Arco, Porto de Carros, Lama do Carvalhal, Subilla, Brea, Pedreira, Gea, Villa da Ponte, Cruz de Leiranco, Penedones, S. Vicente de Chã, Peyrezes, Portella de Orseira, Casaes, Viduedos, Castelãos, Hervededo e Chaves.

O Contador do Argote, dando-nos esta descrípção, já confirmada por marcos milliarios de Cesar Augusto, Tiberio, Claudio, Trajano, Maximino, Hadriano, Macrino, Maximiano, Maguencio e Carino, continúa a descrever a estrada por S. Lourenço, Limaoso, Sá, Vilharandelho, Possacos, e Valdetelhas (Pinetum?) onde Thomé de Tavora de Abreu encontrou ruinas romanas e algumas inscripções nas paredes d'um edificio particular.

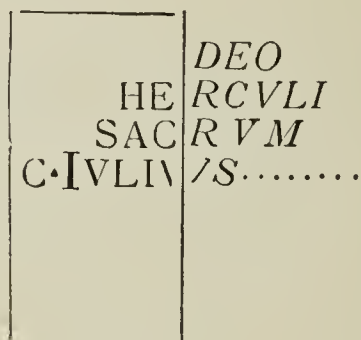
E' pois provavel que a via militar de Braga a Astorga passasse por Castro de Avellãs e Babe, duas localidades cuja importancia nos tempos da dominação romana está sobejamente demonstrada pelas la-

pides funerarias, votivas e milliarias ultimamente encontradas.

Os milliarios, principalmente, indicam sempre o trajecto aproximado das vias romanas militares ou vicinaes porque, sendo difficeis de transporte pelo seu peso, e pouco applicaveis a construcções pela sua fórma cylindrica, apparecem ordinariamente no local onde tombaram ou a pequena distancia d'elle por effeito de qualquer despenhadeiro por onde passasse a estrada, visto preferirem os romanos o solo endurecido para maior solidez da construcção.

As demais inscripções:—funerarias, votivas, honorarias, etc., pódem ser transportadas a consideraveis distancias e d'esse modo o estudioso, que não disponha d'outros elementos, sentir-se-ha desorientado a ponto de não poder caminhar seguro ao reconhecimento do local primitivo. Em Babe e Castro d'Avellãs, é certo, não se póde dar semelhante caso, pois abundam por aquelles sitios ainda outros vestigios d'um passado remoto.

Ninguem poderá pôr em duvida, por exemplo, a procedencia d'uma lapide votiva inedita, fragmentada, que ha dias encontrei, aqui em Braga, a servir de soleira na porta d'uma casa da antiga rua de Santo Antonio, pertencente á ex.ma snr.a D. Henriqueta Barbosa. Obtendo a competente auctorisação, mandei levantar, n'aquelle sitio, o empedramento da

rua para poder medir, copiar e ler esta preciosa lapide, que mede 1,20 de alto por 0,40 de largo e 0,65 de espessura, tendo ao centro gravada, em caracteres elegantes e nitidos, esta inscripção truncada que eu completo:

Alt. da lettra 0,10.

Evidentemente estamos em frente de uma consagração de Caio Julio.... ao DEUS HERCULES, um dos mais celebres deuses das gentes menores.

Em Muratori, pag. LXXI vem a seguinte inscripção referente a um voto feito ao deus Hercules, por Caio Juliano Pomponio Pudente Severiano, varão clarissimo, perfeito da cidade:

DEO HERCVLI
C·IVLIANVS·POMPONIVS·PVDENS
SEVERIANVS
V·C· PRAEF·
VRB.

Tembem no *Museu Veronense*, pag. CCXLVIII, se encontra esta pequena inscripção sem o nome ou nomes de quem a dedicou a Hercules:

HERCVLE
TIBI
V.S·

A inscripção votiva, inedita, que acabo de descobrir, além de poder ser considerada um subsidio valioso para a historia dos deuses do paganismo, aos quaes se fizeram dedicações em Braga, vem enriquecer a classe das inscripções *sacrae* bellamente representada no numero das que já aqui teem sido encontradas, taes como:

— IOVI/DEPVLSORI/ARMIA/VSSINA/EX·VOTO/POSVIT.
— DEO·SA/NCTO·EV/ENTO.FL/FRONTO/EX.PRAE/CEPTO.
— GENIO/MACELLI/FLAVIVS/VRBICIO/EX.VOTO/POSVIT/SACRVM·
— LARIB/FL·SABINVS/S.V·S·V·
— LARI·VIAR/BUSI·LA/BINVS.V/S·L·,

e outras de que ainda felizmente conservamos alguns originaes.

*
* *

No *Correio Nacional* de Lisboa, n.º 1465, correspondente ao dia 3 de janeiro ultimo, o snr. P.e Joaquim Poças Junior deu noticia de um fragmento de lapide sepulchral de marmore branco, existente no logar da Torre da Magueixa, freguezia do Reguengo do Fétal, mas que, ao contrario da do HERCULES de Braga, parece ter outra proveniencia.

Este fragmento, que mede 0,75 de largo por 0,45 de alto, acha-se actualmente a capear o muro de uma eira.

No *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, continuado, até á conclusão, pelo meu presadissimo amigo snr. dr. Pedro A. Ferreira, vem assim publicada a parte que ainda resta da referida inscripção:

LABERIA L·F·M·A·
FILIA PIENTI

O snr. P.e Joaquim Poças foi bastante mais feliz

com a seguinte cópia que publicou no referido diario Lisbonense:

LABERIA
L·F·M X·
FILIAE
PIENTI

No 1.º Supplemento ao vol. II do *Corpus* das inscripções hispanicas vem tambem assim sob o n.º 5234, apresentando apenas mais, como primeira linha, as trez lettras ANN˙ *(annorum)*.

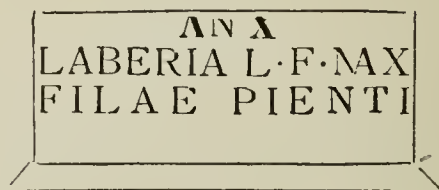
A interpretação é que seria de todo perfeita se o snr. P.e Poças não tivesse consultado, como creio, L. ANDR. RESENDII, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Liber primus, pag. 4, et Liber singularis pag. 315, onde véem duas inscripções com o nome de Laberia:

LABERIÆ·LVCII·FILIÆ·GALLÆ.
FLAMINICÆ,

que nada teem com esta de que se trata, e de que elle deu a seguinte leitura:

«Laberia.... Lucii Flaminica Maxima... Filiae... Pientissimae».

Interessando-me sempre muito por esta ordem de estudos consegui uma cópia escrupulosissima

feita de harmonia com as indicações que tive a honra de dirigir ao illustradissimo snr. P.e Poças. Essa cópia é como segue:

Quer dizer:—Laberia Maxima, filha de Lucio, á filha piedosissima de X annos de edade.

Não offerece a menor duvida a leitura da primeira linha AN(*norum*) X.

Como se vê não apparece no *Corpus* o numero d'annos porque o algarismo X foi tomado por N.

A parte superior d'esta lapide, que o snr. P.e Poças espera encontrar no interior d'uma parede, deverá conter algum ornato no alto, e a formula H·S·E· (Hic Sita Est) ou D·M·S· (Diis Manibus Sacrum), seguida do nome da joven finada, á memoria da qual a mãe affectuosa erigiu este monumento.

*

* *

Ahi fica tudo o que me suggeriu a inscripção de Babe e o que a proposito d'ella se me offereceu dizer-lhe.

Infelizmente, meu presado Symphronio, pela falta do numero completo das milhas d'este milliario e dos de Castro d'Avellãs, não se póde precisar com exactidão a distancia a que estavam collocados, o que seria de altissimo interesse para o estudo que o snr. tenente Lopo se propõe fazer d'esta estrada *(Bracara Augusta ad Asturicam)*, a primeira do ITINERARIO, que d'aqui partia directamente a Astorga.

O snr. dr. Pereira Caldas, sabio professor-decano do Lyceu Central de Braga, occupou-se ultimamente, na *Voz da Verdade*, da lapide votiva de Babe, que os jornaes de Bragança copiaram:

IO·M
T· DL
ET·PP
EX VO
TO

e deu-lhe a decifração seguinte:

IO *(vi)* M*(aximo)*
T*(itus)*.D*(aphnus)* L*(ibertus)*
ET.P*(er)* P*(erna)*
EX VO
TO·

Sobre a interpretação do milliario e passagem da estrada por aquelles sitios, nada mais poderei dizer.

O que expuz com respeito á primeira não póde ser considerado *ultima demão* porque, para deduzir de prompto uma decifração correcta, seria mister inspeccionar directamente o cippo; e a segunda exige conhecimentos que só poderá possuir quem viver *in situ* ou o visitar com a indispensavel demora.

Ha muitos d'estes casos em que o estudioso não fica plenamente satisfeito senão com o exame proprio, por mais valioso que seja o testemunho alheio.

ALBANO BELLINO.